



Para os jovens trans, ir à escola é “uma batalha”

Há quem lute para que o seu nome seja reconhecido, passe os dias sem ir à casa de banho ou seja chamado “aberração”. “A função da escola é ajudar a que não doa tanto.”

Reportagem

Andreia Friças Texto
Diego Nery Fotografia

Centenas de alunos passam os dias na Escola Básica e Secundária Gil Vicente, na Graça, em Lisboa. O desenho dos edifícios faz adivinhar que esta é uma escola lisboeta com história – foi o primeiro liceu criado pela República –, mas a directora, Ana Duarte, orgulha-se de aqui não existir uma visão “antiquada”, graceja. Há pelo menos cinco anos que a identidade de género é um “tema muito familiar na escola”: têm alunos transgénero (que não se identificam com o género que lhes é atribuído à nascença) no ensino básico e secundário e até “já houve um professor trans que deu aulas no início do seu processo de transição”, acrescenta.

Há três anos, os professores

receberam formação sobre temas como a identidade de género e a orientação sexual, o que contribui para que exista uma preocupação em facilitar o dia-a-dia dos jovens trans, explica Ana Duarte. Por exemplo, assim que os encarregados de educação comunicam a situação, o nome do aluno é imediatamente mudado no registo escolar – alterando, consequentemente, o nome que consta na lista de presenças das aulas, na pauta das notas ou mesmo na matrícula. “A única coisa que não podemos controlar são os exames nacionais, mas quando há alunos trans a fazer exames comunicamos com as outras escolas para que sejam tratados pelo nome correcto na chamada do exame”, explica a directora.

Nicolas Silva mudou-se este ano para esta escola, concretizando o sonho de estudar Teatro. Agora sente-se “feliz e respeitado”, principalmente pelos colegas e



professores, mas “nem sempre foi assim”, partilha.

Quando recorda os tempos de infância, Nicolas pensa imediatamente na constante angústia que sentia. “Olhava para o espelho e não percebia porque sentia tanta raiva do meu corpo”, explica o jovem de 18 anos. O desconforto aumentou no início da puberdade, por sentir que as roupas já não escondiam os traços do seu corpo. “Por causa disso, deixei de comer e entrei numa situação de anorexia: pesava 52 quilos e em três meses perdi dez quilos”, acrescenta.

Aos 16 anos, quando se assumiu como Nicolas na escola onde estudava, tudo se tornou “uma batalha”, começando pelo reconhecimento do seu nome. “Custava-me muito quando os professores me chamavam pelo nome feminino na chamada à frente de toda a gente. Cheguei a ter crises de ansiedade na sala de aula.”

Este mês, o Partido Socialista avançou com um projecto de lei que pretende regulamentar o tratamento dado às crianças e jovens transgénero nas escolas – obrigando os estabelecimentos de ensino a utilizarem o nome auto-atribuído em todas as actividades (incluindo as extra-escolares) e a garantirem o direito de os jovens escolherem a casa de banho ou balneário com que mais se identificam. Esta proposta é semelhante à de 2019, que foi travada pelo Tribunal Constitucional por considerar tratar-se de uma matéria de regulamentação exclusiva da Assembleia da República (e não do Governo).

“Nós não ficámos à espera da lei para tornar a escola um espaço confortável para jovens trans”, afirma Ana Duarte. No entanto, esta “preocupação não existe em todas as escolas”, diz Karinna Seno, que estuda em Vila Nova de Gaia.

Há um ano fez o pedido para alterar o nome na escola, mas os professores continuam a encará-la como um rapaz: seja na chamada da folha de presença ou mesmo nos exercícios de educação física.

“Quando fazemos exercícios em que se divide rapazes e raparigas, tenho de ficar no grupo de rapazes”, diz a jovem de 17 anos. “Muitas vezes não faço a aula por causa disso. Fico só a assistir. Não tenho falta de presença, mas não tenho avaliação nos exercícios”, acrescenta.

Já Rodrigo Santiago terminou o ensino secundário há um ano e recorda ter sido o primeiro aluno a assumir-se trans na sua escola, em São Miguel, nos Açores. No 9.º ano pediu à direcção da escola para ser tratado por Rodrigo, mas foi obrigado a assinar com o nome feminino até terminar o ensino secundário – fosse nos testes, fichas de aula ou nos pedidos de requisição de livros na biblioteca da

Escola Básica e Secundária Gil Vicente

Nesta escola do bairro da Graça, em Lisboa, há pelo menos cinco anos que a identidade de género é um tema familiar

Ana Duarte

A directora da escola orgulha-se da preocupação que existe para facilitar o dia-a-dia dos jovens trans. Assim que os encarregados de educação comunicam a situação, o nome do aluno é imediatamente mudado no registo escolar

escola. “A senhora da biblioteca tratava-me sempre pelo nome feminino, dizia que tinha de ser, porque era o nome que estava na ficha”, acrescenta o jovem, que completou este mês 18 anos.

É proibido ir à casa de banho

Para Nicolas, Karinna ou Rodrigo, o maior obstáculo na escola é conseguir ir à casa de banho. “Estudei um ano numa escola sem nunca usar a casa de banho”, conta Nicolas. “Recebia olhares, ouvia comentários, não me viam como um rapaz. Se estivesse muito aflito, preferia ir à casa de banho do café ao lado do que à da escola”, acrescenta.

Karinna continua a ter de usar o balneário dos rapazes, onde entra “sempre a correr só para deixar a mala”, diz. Há um ano que começou a usar a casa de banho das raparigas, mas, no mês passado, a direcção da escola proibiu-a de continuar a fazê-lo. →



“Disseram-me que houve alunas que ficaram desconfortáveis. Eu expliquei que também ficava desconfortável em ir à dos rapazes”, conta a jovem, que, sem alternativa, deixou de utilizar qualquer casa de banho da escola.

Como explica a pedopsiquiatra Ana Teresa Prata, este “desconforto dos jovens trans em ir à casa de banho aumenta a sensação de insegurança que sentem na escola”. “Às vezes fala-se como se fossem agressores que mudam de casa de banho e que são uma ameaça, mas estes jovens é que são as vítimas”, acrescenta Ana Teresa, que ouve, nas suas consultas, vários relatos de jovens trans sobre episódios de humilhação e desrespeito por parte da comunidade educativa.

Nos primeiros tempos, também Rodrigo não se sentia confortável em nenhuma casa de banho. “Tinha medo de ir à casa de banho dos rapazes, porque achava que me podiam fazer mal, que se

aproveitassem de mim, porque muitos homens viam-me ainda como uma mulher. Alguns diziam para eu lhes oferecer o peito quando o retirasse [na mastectomia]”, descreve. Por outro lado, era expulso da casa de banho das raparigas. “Impediam-me de entrar e gozavam comigo”, lamenta o jovem, que acabava por pedir aos professores para ir à casa de banho durante as aulas. “Tinha muito cuidado para ir numa altura em que não estivesse lá ninguém”, reforça.

Ficar na escola

Apesar de ter boas notas, Nicolas chumbou de ano quatro vezes. O desconforto que sentia na escola empurrou-o para uma fase de depressão, que o fazia faltar constantemente às aulas. “Eu gostava muito de aprender, ficava feliz quando sabia que ia ter Físico-Química, mas ia a uma aula e faltava às restantes, porque ouvia

algum comentário ou simplesmente porque me sentia muito mal na escola”, admite.

Tal como Nicolas, há muitos jovens trans que passam por um processo individual de compreensão da sua identidade que “pode ser demorado e sofrido”, explica Ana Teresa Prata. Quando finalmente se assumem em termos sociais, a falta de apoio da comunidade escolar resulta em casos de “ansiedade social e principalmente de recusa escolar”, diz a pedopsiquiatra, destacando que, além do problema das faltas, também há alunos que preferem continuar a ter aulas em casa por não se sentirem confortáveis na escola.

É o caso de Joana, que em Abril deixou de se esconder no quarto, onde se vestia de menina e se observava no espelho, e assumiu a sua identidade na escola. Como tinha sofrido *bullying* durante o 10.º ano – os colegas passavam as aulas

a ofendê-la e a chamá-la *gay* –, foi ganhando medo do que poderia acontecer se continuasse a ir à escola no início da sua fase de transição. “Tinha muito medo de estar na escola, que me agredissem, que me ameaçassem”, confessa a madeirense de 17 anos. Relembra que em Portugal, e um pouco por todo o mundo, as mulheres trans estão mais expostas à violência e a transfobia tende a ser mais intensa em fases como a adolescência.

Para controlar este medo, a psicóloga que a acompanha sugeriu que continuasse a ter aulas a partir de casa. Apesar de esta fase ter sido importante para construir a sua confiança, Joana reconhece que, em certos momentos, se sentia um “pouco sozinha”: “Não devemos afastarmo-nos da escola, escondermo-nos. Isso não acontecia, se a escola estivesse preparada para nós.”

Segundo as contas do Ministério da Educação, existem cerca de 200

jovens trans no ensino não superior. Os relatos de discriminação são mais comuns no ensino secundário, mas Ana Teresa Prata alerta que os episódios de transfobia se estendem ao ensino básico, principalmente quando se trata de raparigas trans.

“Aberração da natureza”

No caso de Adriana (nome fictício), aos três anos já dizia à mãe que tinha nascido com o corpo errado – e não tardou até pedir para ser tratada como uma menina.

Quando entrou para a escola, não podia ir à casa de banho feminina – deslocava-se a uma casa de banho mista, afastada da dos seus colegas – e muitas vezes os funcionários não a tratavam pelo nome. “Sentia-me muito mal, sentia que não me respeitavam”, diz Adriana, agora com 11 anos.

Até então, foram vários os episódios de discriminação que a marcaram. O mais grave deu-se quando tinha sete anos, no fim de



uma aula de natação da escola. Enquanto os colegas de turma voltavam para os balneários, o presidente de uma associação que colaborava nesta actividade impediu Adriana de entrar no balneário feminino. “Ela estava toda molhada, ao frio, a chorar à porta do balneário. Ele disse-lhe que era uma aberração da natureza, que não devia existir”, recorda a mãe, Filipa.

Uma funcionária viu Adriana “em desespero”, foi buscar a sua mala ao balneário e levou-a para outra sala, ajudando-a a vestir-se. Este episódio foi “um trauma” que se arrastou durante meses. “Ela estava sempre a perguntar-me se tinha de voltar à natação. Nem conseguia sequer passar em frente à piscina”, acrescenta Filipa.

No início da pandemia, a família trocou Lisboa por Torres Vedras e na nova escola ninguém sabe que Adriana nasceu com outra identidade. “Tento esconder este

segredo de toda a gente. É muito difícil para mim, faz-me sentir mal, como se fosse uma mentirosa ou uma traidora”, diz a jovem. “Ela esconde, porque tem medo de não ser aceite”, completa a mãe, que salienta ser necessário, em casa e junto de psicólogos, que Adriana ganhe ferramentas emocionais que a ajudem a lidar com os futuros desafios, como o convívio nos balneários no ensino secundário. “O maior terror dela é que lhe continuem a lembrar todos os dias e a cada instante que nasceu no corpo errado”, conclui a mãe.

O que falta fazer?

Rodrigo lembra-se bem de, em 2019, discutir na sala de aula o primeiro projecto de lei que queria regulamentar o tratamento dado às crianças e jovens transgénero. “Na altura tinha colegas que faziam piadas sobre a escola ter de construir uma casa de banho diferente para mim”.

recorda. “Isto mostra que ainda não conhecem a nossa realidade e aquilo que passamos.”

Também Nicolas refere a falta de informação que os seus colegas têm sobre pessoas transgénero. “Perguntarem-me se sou rapaz ou rapariga é como se fosse um bom dia para mim”, exemplifica. “Também tenho muitos colegas que confundem identidade de género com orientação sexual, que me dizem que é mais fácil para mim ser lésbica”, acrescenta.

Afinal, como se destrói os estereótipos e comportamentos discriminatórios nas escolas? O primeiro passo é criar “directrizes exactas” que possam garantir que os direitos dos alunos trans são reconhecidos em todas as escolas, defende Filipa. “O que agora acontece é que os alunos ficam à mercê do bom senso de cada escola. É uma questão de sorte”, acrescenta. “Haver legislação sobre este assunto é importante para

Nicolas Silva, 18 anos
Chegou a ter crises de ansiedade na sala de aula. Os professores continuavam a chamá-lo pelo nome com o qual já não se identificava

Rodrigo Santiago, 18 anos
Rodrigo orgulha-se de ter sido o primeiro aluno da sua escola a assumir-se trans

garantir que todas as escolas garantem a inclusão dos jovens trans”, corrobora a directora Ana Duarte.

Além da legislação sobre o tema, Ana Teresa Prata considera que é necessário apostar na formação, principalmente de adultos. “Os jovens têm de sentir que os professores são um porto seguro para eles. Se os professores não respeitam coisas simples, como o

nome do aluno, estão a validar que os outros jovens possam humilhar e desrespeitar esse jovem”, salienta a pedopsiquiatra, alertando que estes jovens são uma população de risco para doenças mentais graves e comportamentos suicidas.

Além do projecto de lei apresentado pelo Partido Socialista, o partido Pessoas, Animais e Natureza (PAN) e o Bloco de Esquerda (BE) entregaram diplomas nos quais defendem que o respeito pela autodeterminação de género nas escolas deve ser fomentado com parcerias com associações LGBTI nas áreas de formação e acções de sensibilização nas escolas. Ainda não se sabe quando os três documentos vão ser discutidos na Assembleia da República, mas Nicolas deixa um recado: “Ir à escola vai ser sempre difícil para nós. É como uma nódoa negra que temos sempre. A função da escola é ajudar a que não doa tanto.”